

DIOCESE DE IGUATU

- URGÊNCIA ANIMAÇÃO BÍBLICA -

ROTEIROS PARA LEITURA ORANTE DA PALAVRA DE DEUS

JUNHO

Estrutura:

1. Antes de tudo, preparar um simples espaço. Que seja acolhedor e orante... Dispor, se possível, de uma velinha que ilumine o grupo...
2. Depois que todo o grupo chegar, quem coordena convida ao silêncio e à oração. Pode ser entoado um refrão meditativo que ajude a entrar em contemplação.
3. Alguém proclama o texto bíblico – **Evangelho** – em voz alta. (Ler o texto da bíblia/jornal, ou ainda do lecionário... não há necessidade de fazer a introdução ou conclusão: "Proclamação do Evangelho; Palavra da Salvação..."). Como costumamos ler em casa.
4. Reservar um tempinho para que cada pessoa do grupo retome, leia e releia, contemple e medite o texto...
5. Após o tempo reservado para a leitura pessoal, as pessoas podem, livremente, partilhar o que brotou da oração. Quem coordena pode concluir o momento com sua partilha.
6. Pode-se, após a partilha, ler um texto que ajude na contemplação e aprofundamento do sentido espiritual do Evangelho. **Nos roteiros a seguir, apresentamos os textos de aprofundamento para cada domingo do mês.**
7. Para a conclusão, um salmo ou algum canto relativo àquele domingo pode ser cantado pelo grupo.



Também colocamos, ao fim de cada roteiro, as músicas indicadas para a Celebração Eucarística ou da Palavra de Deus daquele domingo, de acordo com o Hinário Litúrgico da CNBB, a fim de contribuir com a preparação dominical das comunidades da diocese.

Domingo da Ascensão do Senhor – 02/06/2019

7º Domingo da Páscoa

1. **Silêncio... Refrão:** Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. **Evangelho – Lucas 24,46-53**

3. **Para ampliar a leitura:**

SOLENIIDADE DA ASCENÇÃO DO SENHOR



"Hoje nosso Senhor Jesus Cristo subiu ao céu; suba também com ele o nosso coração."

Santo Agostinho

Jesus completa sua Páscoa iniciada entre nós em sua encarnação e efetivada pela sua morte e ressurreição, agora se plenifica em sua passagem para o Pai. Jesus volta para o Pai sem nunca ter deixado sua comunhão, pois "Eu e o Pai somos um"¹.

A Ascensão do Senhor provoca nos discípulo a saudade do seu Amado Senhor, que "tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim"²; saudade esta que se torna expectativa e missão. Expectativa de sua presença e da Páscoa Cósmica. Tendo o Senhor se ausentado, continua conosco e entrega-nos a grande honra de continuar sua missão originante, pela qual deu sua vida e venceu a

morte, assim como está no Evangelho " O Espírito do Senhor está sobre, porque ele me consagrou com a unção para anunciar a Boa-nova aos pobres; enviou-me para proclamar a libertação aos cativos e aos cegos a recuperação da vista; para libertar os oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor"³

Nesta perspectiva o Senhor pede que fiquemos à espera do Dom do Alto, para sermos ungidos pelo mesmo Espírito que ungiu o Senhor. Seremos de fato cristãos, outros cristos, outros ungidos pelo Espírito de Jesus e continuar sua presença em meios aos homens e mulheres deste mundo.

Este que ascende aos céus não é um fantasma, uma entidade separa de nós, mas é Jesus Nazareno, a Palavra Eterna que se fez carne no seio de Maria⁴, um ser humano, mas que agora em sua Páscoa para o Pai, leva consigo nossa humanidade. Sim nossa humanidade foi entronizada no seio da Trindade, fazemos agora parte da Eternidade de Deus. O que desde o princípio foi anunciado com a criação do ser humano, foi realizado plenamente em Jesus. Desde o início tudo estava voltado para Ele. NEle se encontra a nossa verdade final, pois fomos criados para participarmos da comunhão com Deus e sermos semelhantes ao Filho que assumiu nossa humanidade "a fim de nos tornar participantes de sua divindade"⁵. A Ascensão do Senhor não o separou de nós, Ele agora é nosso mediador, pois uniu em sua pessoa a divindade e humanidade, os céus e a terra, assumindo toda criação, recapitulando todas as coisas⁶. Assim Ele é nosso Eterno e Sumo sacerdote que "continua a oferecer-se pela humanidade"⁷, Ele que adentrou aos céus, com a nossa humanidade transfigurada, após passar pela tribulação, venceu o pecado e a morte⁸.

A Ascensão do Senhor é a nossa vitória, com ela se inaugura a Páscoa Cósmica, a Páscoa de todo Universo, que será conduzida pelo Espírito derramado sobre toda "carne"⁹, a criação que espera e geme a nova vida que está prestes a acontecer, então toda criação participará da glória de Deus, da nova vida mundo transfigurado, em que Deus será tudo em todos'.¹⁰

¹Jô,10,30.

² 1Jo 3,1;Rm 8, 29.30.

³ Lc 4,18-19.

⁴Jô1,14.

⁵ Gn 1, 26a.27; Jo 1, 1-3; 1Jo 3,2, Prefácio da Ascensão do Senhor II.

⁶ Cl 1,19.20; Ef 1, 9.10

⁷Prefácio da páscoa III.

⁸ Hb 4, 14 – 5, 1-2.

⁹ Jl 3,1.

¹⁰ Rm 8, 19-21; 1Cor 15,28; CIC 1042-1051; Oração Eucarística IV.

A palavra na celebração

Este fim último já se faz presente no pão e no vinho eucaristizados, os frutos da terra (a criação: uva e trigo) e o trabalho do ser humano (vinho e pão) são transfigurados na presença do Senhor, seu Corpo e Sangue, presente nos elementos da natureza, frutos da mãe terra e do trabalho, prefigurando o Corpo do Cristo, sua presença, em toda Criação, Ele Alfa e Ômega, princípio e plenitude de todas as coisas.

A palavra na vida

Este mundo novo já se encontra em gestação, no constante empenho daqueles que receberam as primícias do Espírito do Senhor, seus discípulos e suas discípulas, a fim de espalhar por toda terra e em todos os povos "os valores da dignidade humana, da comunidade fraterna e da liberdade", a fim de aprimorar esta terra, pois nela "cresce o corpo da nova humanidade que já pode, de algum modo, prefigurar o novo mundo", na prática da justiça, da misericórdia e da fidelidade ao Evangelho de Jesus¹¹.

Sugestão de repertório para o Domingo da Ascensão do Senhor:

Abertura: O Senhor foi preparar (Liturgia XV, faixa 14)

Ofertório: Recebe, ó Pai, esta nossa oblação (Liturgia XV, faixa 12)

Comunhão: O Senhor subiu ao Céu, aleluia, aleluia (Liturgia X, faixa 17)

¹¹ CIC 1049-1050; Mt 23,23.

Domingo de Pentecostes – 09/06/2019

O Espírito prometido

1. Silêncio, refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – João 20,19-23

3. Texto para aprofundamento da leitura:

PENTECOSTES



**“Para levar a plenitude os mistérios pascais,
derramastes, hoje, o Espírito Santo prometido
em favor de vossos filhos e filhas”**

Prefácio de Pentecostes

A Solenidade de Pentecostes é a conclusão da Páscoa, não é uma festa à parte, muito menos algo desvinculado da Páscoa, mas é o fruto maduro da Páscoa, o dom do Senhor Ressuscitado a sua comunidade de seguidores, como descreve o Evangelho de João: “... soprou sobre eles e falou: Recebei o Espírito Santo”(20,22). Sem Páscoa não há Pentecostes; é preciso que o Senhor vá a fim de que o Espírito seja entregue, derramado abundante e generosamente sobre a comunidade. (Cf Jo 16,7)

O Espírito é o dom imensurável, pois não é um algo, mas um alguém, a Ruah Divina. Em nossa língua o Espírito soa com nome masculino, mas na língua de Jesus, soa como feminino, a Divina Ruah, que pairava sobre as águas deste o início, que enche a criação com a vida. Ela é “vida da vida de toda criatura” como diz o salmista: “Se lhes tiras o Espírito, perecem e voltam para seu pó. Envias teu Espírito, eles são criados e renova a face da terra” [Sl 104(103), 29.30]. Ele é alento, sopro, vento, respiração, força, fogo... com nome feminino que fala de maternidade e de ternura, de vitalidade e carícia. Seu calor gera harmonia no caos, realça a beleza e originalidade de cada criatura, dispondo cada criatura no seu lugar para desenvolver suas potencialidades e a comunhão universal. A Divina Ruah dá a cada erva, a cada montanha, a cada ser que vive, seu lugar e seu sentido na criação.

Há um outro nome da Divina Ruah, tão peculiar e esquecido: “o divino pedagogo”. O pedagogo significa aquele que conduz a criança pela mão ao conhecimento. Assim é a Divina Ruah de Jesus, Ela nos conduz pra compreender melhor suas palavras, seu ensinamento, sua verdade, nunca esgotada e saciada ao longo da história. Ela conduz a nossa fé a sua maturidade (Cf. Jo 16, 13-14). A Divina Ruah do Pai conduz a criação ao seio da Trindade; Ela gesta o mundo novo que há de vir, mundo criado pelo Pai, assumido pelo Filho e agora transfigurado pela Divina Ruah, levando a plenitude a criação.

É a Divina Ruah do Filho e do Pai que enche o Povo de Deus com carismas e ministérios, que fecunda a Palavra Proclamada e os Sacramentos celebrados, que faz a comunhão na diversidade, que faz da Igreja o Corpo de Cristo e alimenta a Esposa do Cordeiro com o Pão da Eucaristia e do Evangelho. Ela é o sopro e o alento da comunidade; que dá a vida aos seguidores e seguidoras do Mestre de Nazaré; Ela é o Mestre interior dos fiéis que os capacita a olhar o mundo e os seres humanos com o olhar do Cristo. É esta Divina Ruah a mãe amorosa que nos põe no colo e faz perceber a ternura de Deus, que nos cura dos pecados já perdoados e redimidos na Cruz do Senhor.

A Divina Ruah é sopro e vento que não se prende. Deste o princípio é Ela quem espalha as sementes da Palavra Eterna em todas as culturas, línguas e povos. Assim rezamos neste dia: “Desde o nascimento da Igreja, é ele quem dá a todos os povos o conhecimento do verdadeiro Deus; e une, numa só fé, a diversidade das raças e línguas” (Prefácio de Pentecostes). Ou ainda como afirma São João Paulo II: “Antes de tudo, é preciso ter presente que toda a busca do espírito humano em direção da verdade e do bem e, em última análise, de Deus, é suscitada pelo Espírito Santo. Precisamente desta abertura primordial do homem em relação a Deus nascem as diversas religiões. Não raro na sua origem encontramos fundadores que realizaram, com a ajuda do Espírito de Deus, uma mais profunda experiência religiosa. Transmitida aos outros, essa experiência tomou forma nas doutrinas, nos ritos e nos preceitos das várias religiões. O Espírito Santo está presente nas outras religiões, não só através das autênticas expressões de oração. A presença e a ação do Espírito não atingem apenas os indivíduos, mas também a

sociedade e a história, os povos, as culturas e as religiões”’. (AUDIÊNCIA, Quarta-feira 9 de Setembro de 1998).

A Divina Ruah faz os filhos e filhas encontrarem a Paz: “No meio da humanidade, dividida em contínua discórdia, sabemos por experiência que sempre levais as pessoas a procurar a reconciliação. Vosso Espírito Santo move os corações, de modo que os inimigos voltem à amizade, os adversários se deem as mãos e os povos procurem reencontrar a paz. (Prefácio da Oração Eucarística VIII). Onde houver alguém em busca de construir a Paz, é o Espírito de Jesus que o (a) guia: “Bem-aventurados os que promovem a paz, pois eles serão chamados filhos de Deus” (Mt 5,9). “Se vivemos pelo Espírito, procedamos também de acordo com o Espírito”. (Gl 5,25)

A palavra na celebração

A assembleia reunida é o lugar, em que Cristo reconciliou com Deus e entre si todo gênero humano: homens e mulheres, judeus e gregos, índios, afros e brancos, em um constante Pentecostes, contrapondo-se com Babel da autossuficiência e da confusão. (Gn 5-9 // At 2, 1-11).

A palavra na vida

Uma assembleia repleta do Espírito do Senhor saia em missão, a fim de que também a sociedade se encha desse Espírito do Evangelho: um mundo sem marginalizações e discriminações, de respeito pela diversidade e pela vida da criação.

Sugestões de repertório para a Domingo de Pentecostes:

Abertura: O Espírito do Senhor (Liturgia X, faixa 18)

Sequência: A nós descei divina luz (Liturgia XV, faixa 15)

Ofertório: Eis a procissão (Liturgia X, faixa 20)

Comunhão: Perseveravam todos unidos (Liturgia X, faixa 21)

Festa da Santíssima Trindade - 16/06/2019

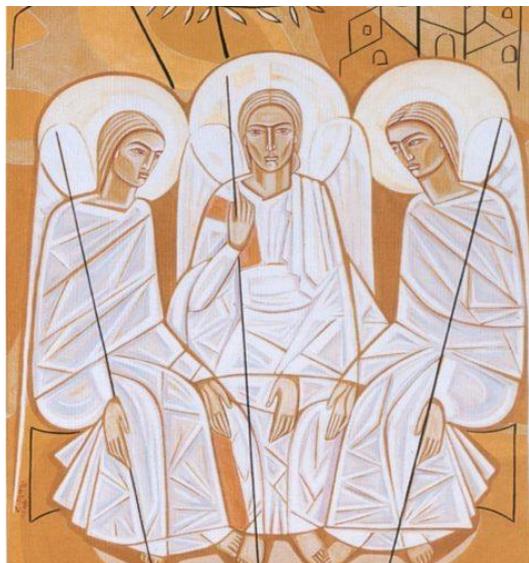
Pai, Filho e Espírito Santo

1. Silêncio, refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – João 16,12-15

3. Texto para aprofundamento da leitura:

SOLENIIDADE DA SANTÍSSIMA TRINDADE



“O mistério da Santíssima Trindade é mistério central da fé e da vida cristã”

CIC 234

Enzo Bianchi

No domingo passado com o Pentecostes, plenitude das energias da ressurreição de Cristo, terminamos de viver o Tempo Pascal e, assim, entramos no tempo per annum. Um costume milenar da liturgia latina nos pede para celebrar neste domingo a festa da Santíssima Trindade: pede-nos, portanto, para contemplar com humildade o mistério do nosso Deus, o Deus vivo e verdadeiro, mistério expressado através de um termo doutrinal e dogmático, a Trindade de Deus.

Esse título, de fato, quer afirmar que Deus é um – como diz o mandamento dado a Israel: “Escuta, Israel, o Senhor nosso Deus é um” (Dt 6, 4) –, mas se revelou através da vinda de seu Filho na nossa humanidade, portanto, é comunhão do Pai e do

Filho e do Espírito Santo: uma única vida divina, mas vivida na comunhão, na sinfonia de sujeitos de um amor único, o ágape (cf. 1Jo 4, 8.16: “Deus é amor”).

Mas justamente porque as ideias e as fórmulas são sempre inadequadas em revelar o Deus que ninguém jamais viu (cf. Jo 1, 18) nem contemplou (cf. 1Jo 4, 12), devemos, acima de tudo, crer em uma realidade: em Deus, já está a humanidade do Filho Jesus Cristo, que morreu como homem, mas ressuscitado na força do Espírito Santo, de modo que não se pode mais falar de Deus sem pensar nele, sem falar do ser humano e pensar o ser humano. Acima de tudo, não se pode ir a Deus, senão através “do caminho” (Jo 14, 6), que é seu Filho Jesus Cristo, homem nascido de Maria, que viveu entre nós, morreu e ressuscitou na nossa história.

Eis, então, o que se anuncia nesta festa que sucede ao Tempo Pascal: com a encarnação de seu Filho, Deus se uniu à humanidade de modo indissolúvel, e a humanidade transfigurada está em Deus através de seu Filho Jesus, que, assim como tinha descido, assim também subiu ao céu (cf. Ef 4, 9-10), “constituído Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, em virtude da ressurreição dos mortos” (Rm 1, 4).

Foi longo o caminho da revelação e, portanto, da adesão a ela por parte dos fiéis em relação à Trindade de Deus. Gregório Nazianzeno reconhece isso com fineza: “O Antigo Testamento proclamava de modo claro o Pai, de modo mais obscuro o Filho; o Novo Testamento manifestou o Filho e fez entrever a divindade do Espírito; ora, o Espírito (...) concede-nos uma compreensão mais clara de si mesmo (...) Assim, através de ascensões, avanços, progressos de glória em glória, a luz da Trindade brilhará com ainda mais clareza” (Discursos Teológicos 31, 26).

A Trindade de Deus não é uma fórmula cristalizada, e não é preciso nomear sempre as três pessoas para evocá-la: Pai, Filho e Espírito Santo são termos que indicam uma vida de amor plural, comunitário, são uma comunhão que nós tentamos expressar com as nossas pobres palavras, sempre incapazes de dizer o mistério, de expressar a revelação do nosso Deus.

Não é por acaso que, muitas vezes, para dizer algumas palavras nossas sobre a Trindade de Deus, depois de séculos, ainda recorremos à intuição de Agostinho, que vê no Pai o amante, no Filho o Amado, e no Espírito o Amor que intercorre entre os dois. E São Bernardo de Claraval, de sua parte, lia a Trindade de Deus como um beijo “circular” e eterno: “O Pai dá o beijo, o Filho o recebe, e o próprio beijo é o Espírito Santo, aquele que está entre o Pai e o Filho, a paz inalterável, o amor indiviso, a unidade indissolúvel” (Sermões sobre o Cântico dos Cânticos 8, 2).

A palavra na celebração

Toda oração cristã se encontra a dinâmica da Trindade: toda oração é ao Pai de coração materno, mas esta oração é sempre oração do Filho, pois nos dirigimos ao Pai em nome do Filho, a comunidade que é

Corpo de Cristo, Esposa Amada, o Pai olha e vê a humanidade redimida e santificada no sangue do Filho, esta dinâmica é possível graças ao Espírito Santo, a Divina Ruah, alento e sopro amoroso, que faz da nossa oração, oração de filhos e filhas. Tomar consciência disso para preparar celebrar melhor.

A palavra na vida

A comunidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo significa o modelo da comunidade humana e de Igreja, em que todas as diferenças sejam respeitadas, a comunhão e a partilha dos bens e da vida sejam prioridades, pra construir comunhão e solidariedade. A construção de uma sociedade e da Igreja como imagem e semelhança da Trindade é uma longa estrada de diálogo e de conversão.

Sugestões de repertório para a Festa da Santíssima Trindade

Abertura: Bendito sejas tu (Festas Litúrgicas I, faixa 15)

Ofertório: Ó Trindade, imensa e una (Festas Litúrgicas I, faixa 19)

Comunhão: À santíssima Trindade (Festas Litúrgicas I, faixa 20)

Corpus Christi – 20/06/2019

Corpo e Sangue de Jesus

1. Silêncio, refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz!

2. Evangelho – Lucas 9,11b-17

3. Texto para aprofundamento da leitura:

SOLENIIDADE DO CORPO E DO SANGUE DO SENHOR



O Concílio Vaticano II afirma (SC 7) que Jesus se faz presente no ministro, na assembleia reunida, nos sacramentos celebrados, na Palavra proclamada e especialmente na Eucaristia. Portanto a presença de Jesus é diversa, rica, não é exclusiva da Eucaristia. Mas esta presença de Jesus na Eucaristia é especial, diferenciada, real. Isto porque a Eucaristia é síntese e toda a vida de Jesus. Jesus a deixou como memória de sua vida: **TOMEM E COMAM, ISTO É MEU CORPO; TOMEM E BEBAM, ISTO É MEU SANGUE, FAÇAM ISSO EM MINHA MEMÓRIA.** Memória para o povo de Jesus e de sua

religião, o judaísmo, não é uma lembrança, mas uma presença. Fazer memória é tornar presente a vida, com a mesma significância e realidade, de tal modo que o evento do passado nos atinge no presente, com toda sua força, com toda sua realidade atualizada no presente.

Portanto é inconcebível ser cristão e não fazer memória da Páscoa do Senhor, seja com a Palavra e ou com Eucaristia, pois é na Páscoa de Jesus que somos revitalizados. Páscoa que é sua vida entregue para a vida do mundo. Vida entregue aos que sofrem, aos marginalizados, aos pecadores, aos abandonados, aos explorados e aos condenados; vida entregue na Cruz. Este é o CORPO DE JESUS sua história e sua missão, sua presença e sua doação. Uma vida de PÃO porque alimenta a vida, Ele é o “pão companheiro”, porque comendo conosco do pão vida, se fez pão da vida para os caminantes.

O CORPO DO SENHOR se torna PÃO para alimentar seu Povo, a Comunidade, a Igreja. E assim como é necessário água e fogo para fazer o trigo virar pão, é necessário o Espírito, a Divina Ruah, para que o trigo se faça corpo do Senhor, e o corpo do Senhor faça a comunidade acontecer, a Igreja. Por isso rezamos na oração Eucarística II:

"Na verdade, ó Pai, vós sois santo e fonte de toda santidade. Santificai, pois, estas oferendas, derramando sobre elas o vosso Espírito, a fim de que se tornem para nós o Corpo e † o Sangue de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso.

AS: Santificai nossa oferenda, ó Senhor!

E nós vos suplicamos que, participando do Corpo e Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo.

AS: Fazei de nós um só corpo e um só espírito!"

Portanto pedimos que o Espírito do Senhor faça que o pão e o vinho venha ser a presença do Senhor, e também que esta presença, que alimenta a comunidade, faça desta comunidade a presença de Jesus no mundo. Assim a festa do CORPO de CRISTO é festa da comunidade, da Igreja, que se reconhece na Eucaristia. Santo Agostinho afirma que recebemos o que somos, isto é, O corpo de Cristo pão confirma que somos o corpo de Cristo Igreja: "Se vós sois o corpo de Cristo e seus membros, é o sacramento do que vós sois que está colocado na mesa do Senhor; é o sacramento do que vós sois que vós recebeis. É ao que vós sois que respondeis Amém, e esta resposta é a vossa assinatura. Torna-te num membro do corpo de Cristo, para que este Amém seja verdadeiro".¹²

Do Corpo memória da presença de Jesus no Pão, dirigir-se ao Corpo do Senhor Comunidade, Igreja, ainda essa presença do Corpo do Senhor Pão se desenvolve para o Corpo do Senhor presente nos que sofrem, que são marginalizados e desprezados, como o próprio Senhor afirmou: quando deixastes ou fizestes isto: saciar o sedento e faminto, assistir os doentes e os encarcerados, acolher os migrantes e cobrir os nus, foi ao Senhor que fizera ou deixara de fazer. (Mt 25,31 -46). Nesta relação São João Crisóstomo afirma: "Queres honrar o Corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem o honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora o abandonas ao frio e à nudez. Aquele que disse: Isto é o meu Corpo, confirmando o

¹² AGOSTINHO DE HIPONA, SERMÃO 27. ANTOLOGIA LITÚRGICA, Secretariado Nacional de Liturgia, 2ª Edição, revisada e aumentada, 2015.

facto com a sua palavra, também afirmou: Vistes-Me com fome e não Me destes de comer; e ainda: Na medida em que o recusastes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim o recusastes. No templo, o Corpo de Cristo não precisa de mantos, mas de almas puras; mas na pessoa dos pobres, Ele precisa de todo o nosso cuidado”.¹³

Não menos enfático e concludente é o Papa Francisco: “Estes irmãos mais pequeninos, seus prediletos, são o faminto e o doente, o forasteiro e o recluso, o pobre e o abandonado, o doente sem ajuda e o necessitado descartado. Nos seus rostos, podemos imaginar impresso o rosto d’Ele; nos seus lábios, mesmo se fechados pela dor, as palavras d’Ele: «**Isto é o meu corpo**» (Mt 26, 26). No pobre, Jesus bate à porta do nosso coração e, sedento, pede-nos amor. Quando vencemos a indiferença e, em nome de Jesus, nos gastamos pelos seus irmãos mais pequeninos, somos seus amigos bons e fiéis, com quem Ele gosta de Se demorar”.¹⁴

A palavra na celebração

Toda celebração – Palavra e ou Eucaristia – sempre é memória da Páscoa do Senhor em que sua presença se faz no Pão da Palavra e da Eucaristia, para fazer d comunidade seu Corpo, somos o Corpo de Cristo.

A palavra na vida

Reconhecer em gestos de solidariedade e compromissos com a justiça social o cuidado com o Corpo de Cristo nos “descartáveis”¹⁵ da sociedade

Sugestões de repertório para a Solenidade do Corpo e Sangue do Senhor:

Abertura: Cristo Pão dos pobres (Festas Litúrgicas II, faixa 01)

Seqüência: Terra exulta de alegria (Festas Litúrgicas, faixa 05)

Ofertório: Dai-lhes de comer (Festas Litúrgicas II, faixa 07)

Comunhão: Eu sou o pão que vem do céu (Festas Litúrgicas II, faixa 08)

¹³ JOÃO CRISÓSTOMO, ANTOLOGIA LITÚRGICA, Secretariado Nacional de Liturgia, 2ª Edição, revisada e aumentada, 2015.

¹⁴ **HOMILIA DO PAPA FRANCISCO**, *Basílica Vaticana, 23º Domingo do Tempo Comum, 19 de novembro de 2017*

¹⁵ Expressão usado por São João Paulo II e Papa Francisco pra se referir as pessoas marginalizadas da sociedade.

12º Domingo do Tempo Comum - 23/06/2019

Domingo da renúncia da própria vida

1. Silêncio... Refrão: Indo e vindo, trevas e luz, tudo é graça, Deus nos conduz...

2. Evangelho - Lucas 9,18-24

3. Texto para aprofundamento da leitura:

RENUNCIE A SI MESMO

CEBI



Proclamamos hoje a versão lucana da profissão de fé de Pedro, que Marcos situa no caminho de Cesaréia de Filipe (Mc 8, 27-35) e coloca como pivô de todo o seu Evangelho. Este trecho levanta as duas perguntas fundamentais de todos os Evangelhos:

- quem é Jesus?
- o que é ser discípulo dele?

São duas perguntas interligadas, pois a segunda resposta depende muito da primeira. A minha visão de Jesus, determinará a maneira do meu seguimento a ele. O trecho inicia-se com Jesus em oração. Essa é uma atitude típica de Jesus em Lucas. Muitas vezes no Terceiro Evangelho, especialmente antes de momentos

importantes na sua vida, Jesus se acha em oração. Pois ele nada faz por vontade própria, mas escutando a vontade do Pai. O diálogo começa com uma pergunta um tanto inócua: “Quem dizem as multidões que eu sou?”

É inócua, pois não compromete – o “diz que” não compromete ninguém, pois expressa a opinião dos outros. Por isso, chove respostas da parte dos discípulos: “João Batista, Elias, um dos antigos profetas que ressuscitou!”. Mas Jesus não quer parar aqui, – esta pergunta foi só uma introdução. Depois vem a facada!: “E vocês, quem dizem que eu sou?”

Agora não chove respostas, pois quem responde vai se comprometer – não será a opinião dos outros, mas a opinião pessoal! Esta opinião traz consequências práticas para a vida. Finalmente, Pedro se arrisca: “O Messias de Deus”. Mas a reação de Jesus é no mínimo estranha!: “Ele proibiu severamente que eles contassem isso a alguém”. Que coisa esquisita! Jesus proíbe que se fale a verdade sobre ele! Como é que ele espera conquistar discípulos deste jeito? O assunto merece mais atenção.

Realmente, Pedro acertou em termos de teologia, de “ortodoxia”, como diríamos hoje. Ele usou o termo certo para descrever Jesus. Mas Jesus quer esclarecer o que significa ser “O Messias de Deus”. Pois cada um pode entender este termo conforme a sua cabeça, conforme os seus desejos. Jesus quer deixar bem claro que ser “messias” para ele é ser o “Servo Sofredor” de Javé. É vivenciar o projeto do Pai, que necessariamente vai levá-lo a um choque com as autoridades políticas, religiosas e econômicas, enfim, com a classe dominante do seu tempo: “O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e doutores da Lei, deve ser morto, e ressuscitar no terceiro dia”. (v 22).

Essa visão que Jesus tinha do Messias, não era a comum – em geral as pessoas esperavam um messias triunfante, glorioso, guerreiro. Marcos nos mostra que Pedro partilhava essa visão errada, ao ponto de tentar corrigir Jesus, e de ganhar de Jesus uma correção dura: “Fique atrás de mim, Satanás! Você não pensa as coisas de Deus, mas as coisas dos homens”. (Mc 8,33). Não basta ter os termos e títulos certos – temos que ter o conteúdo certo. A Bíblia nos conta que Deus criou o homem e a mulher na sua imagem e semelhança, mas na verdade frequentemente criamos Deus em nossa imagem e semelhança, para que ele não nos incomode. A nossa tendência é de seguir um messias triunfante, e não o Servo Sofredor. Mas, para Jesus, não há meio-termo. O discípulo tem que andar nas pegadas do seu mestre: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome cada dia a sua cruz, e me siga”. (Lc 9,23).

O seguimento de Jesus leva à cruz, pois a vivência das atitudes e opções dele vai nos colocar em conflito com os poderes contrários ao Evangelho. Carregar a cruz, não é aguentar qualquer sofrimento com passividade. Se fosse, a religião seria masoquismo! Carregar a cruz é viver as consequências de uma vida coerente com o projeto do Pai, manifestado em Jesus. Segui-lo não é tanto fazer o que Jesus fazia, mas o que ele faria se estivesse aqui hoje. Como ele foi morto, não pelo povo, mas por grupos de interesse bem claros “os anciãos, os chefes dos sacerdotes e os doutores da Lei”, (a elite dominante em termos econômicos, religiosos e ideológicos), os seus seguidores entrarão em conflito com os grupos que hoje representam os mesmos interesses. Por isso sempre haverá a tentação de criarmos um Jesus “light”,

sem grandes exigências, limitado a uma religião intimista e individualista, sem consequências políticas, econômicas ou ideológicas. Seria cair na tentação de Pedro, conforme o relato de Marcos. Por isso muitas pessoas, inclusive no seio da Igreja, contestam e criticam o Papa Francisco, pois ele continuamente nos demonstra as consequências práticas do seguimento de Jesus, algo que nos desafia e desinstala – e nos incomoda no nosso comodismo.

O texto faz ressoar para cada um de nós as duas perguntas de Jesus. É fácil responder o que os homens dizem dele – o que dizem o Papa, o Bispo, o catequista, os teólogos, a TV. Mas esta pergunta não é tão importante. É a segunda que cada um tem que responder: “Quem É Jesus para mim?” E a resposta se dará não tanto com os lábios, mas com as mãos e os pés. Respondemos quem é Jesus para nós, pela nossa maneira de viver, pelas nossas opções concretas, pela nossa maneira de ler os acontecimentos da vida e da história. Tenhamos cuidado com qualquer Jesus que não seja exigente, que não traz consequências sociais, que não nos engaja na luta por uma sociedade mais justa. Pois o Jesus real, o Jesus de Nazaré, o Jesus do Evangelho, não foi assim, e deixou bem claro: “Se alguém quer me seguir, renuncie a si mesmo, tome cada dia a sua cruz, e me siga. Pois, quem quiser salvar a sua vida, vai perdê-la; mas quem perde a sua vida por causa de mim, esse a salvará.” (Lc 9,24).

Sugestões de repertório para o 12º Domingo do Tempo Comum:

Abertura: O Senhor é minha luz (Liturgia VI, faixa 12)

Salmo responsorial: A minh'alma tem sede de vós (Liturgia XI, faixa 16)

Aclamação: Aleluia! Chamei vocês de amigos (Liturgia XI, faixa 13)

Ofertório: Senhor, meu Deus, obrigado, Senhor (Liturgia XI, faixa 15)

Comunhão: Quem quer me seguir, que ele tome sua cruz (Liturgia XI, faixa 10)

Solenidade do Sagrado Coração de Jesus – 28/06/2019

"Sou manso e humilde de coração..."

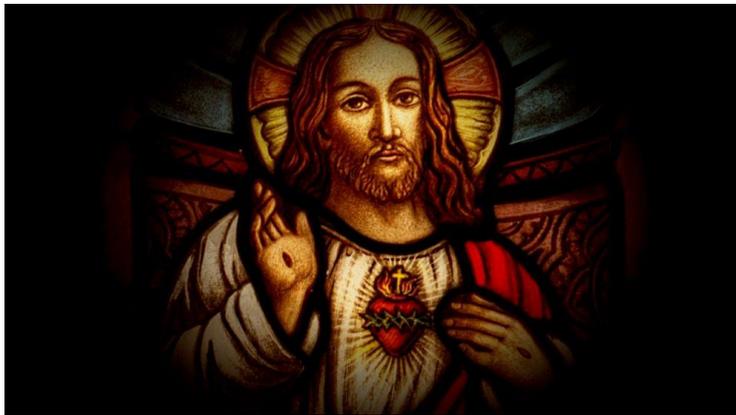
1. Silêncio... Refrão: Ó luz do Senhor que vem sobre a terra, inunda meu ser, permanece em nós...

2. Evangelho - Lucas 15,3-7

3. Texto para aprofundamento da leitura:

CORAÇÃO AMOROSO

Dehonianos



A história que, hoje, Lucas nos conta deve ser colocada no contexto do "caminho para Jerusalém", quer dizer, nessa caminhada "espiritual", durante a qual Jesus prepara os discípulos para serem, após a sua partida para o Pai, as testemunhas do "Reino" no meio dos homens. Em várias lições, Jesus revela aos discípulos o ser do Pai e apresenta-lhes os valores fundamentais do "Reino"; na lição de hoje, Jesus apresenta uma catequese que revela o amor e a misericórdia do Pai. Todo o capítulo 15 é dedicado a mostrar a força do amor de

Deus. Em três parábolas, Jesus desenvolve o tema da busca e do encontro do que estava perdido, para mostrar o amor e a solicitude de Deus para com todos, nomeadamente para com os pecadores e os marginais. Trata-se de um tema muito caro ao evangelista Lucas.

A "parábola da ovelha perdida" aqui apresentada aparece também em Mateus (cf. Mt 18,12-14); mas, enquanto que em Mateus ela é aplicada à responsabilidade dos chefes da Igreja no que diz respeito aos "pequenos" das suas comunidades, em Lucas a parábola serve para ilustrar a misericórdia de Deus e o seu cuidado para com os pecadores: não há dúvida que o sentido de Lucas deve estar muito mais próximo do sentido original com que Jesus contou esta história.

Para percebermos cabalmente o que está aqui em causa, é importante termos em conta o "enquadramento" em que a parábola nos aparece. Tudo começa com uma observação dos escribas e fariseus que, vendo como os publicanos e pecadores se aproximavam de Jesus para O ouvir, comentaram: "este homem acolhe os pecadores e come com eles". Para os fariseus, era absolutamente escandaloso manter contactos com um pecador notório. Na época, um cobrador de impostos não podia fazer parte da comunidade farisaica; não podia ser juiz, nem prestar testemunho em tribunal sendo, para efeitos judiciais, equiparado ao escravo; estava também privado de certos direitos cívicos, políticos e religiosos... Jesus vai demonstrar, àqueles que o criticam, que a lógica dos fariseus (criadora de exclusão e de marginalidade) está em oposição à lógica de Deus.

A parábola do pastor que abandona noventa e nove ovelhas no deserto para ir à procura de uma que se perdeu e que, chegado a casa, convoca os amigos e vizinhos para celebrar o achamento da ovelha perdida, é uma parábola estranha, se olharmos para ela com critérios de coerência e de lógica. Faz sentido abandonar noventa e nove ovelhas por causa de uma? E faz sentido esse espalhamento diante dos amigos e dos vizinhos, por causa de um facto tão banal para um pastor como é o reencontrar uma ovelha que se extraviou do grupo? Ora, são precisamente nesses exageros e nessas reações desproporcionadas que transparece a mensagem essencial da parábola.

Os relatos evangélicos põem, com frequência, Jesus em contacto com gente reprovável, apontada a dedo pela sociedade, como os cobradores de impostos e as mulheres de má vida. É impossível que os discípulos tenham inventado isto: ninguém da comunidade cristã primitiva estaria interessado em atribuir a Jesus um comportamento "politicamente incorreto", se isso não correspondesse à realidade histórica. Não há dúvida: Jesus deu-Se com gente duvidosa, com pessoas a quem os "justos" preferiam evitar, com pessoas que eram anatematizadas e marginalizadas por causa dos seus comportamentos escandalosos, atentatórios da moral pública. Certamente não foram os discípulos a inventar para Jesus o injurioso apelativo de "comilão e bêbedo, amigo de publicanos e de pecadores (Mt 11,19; cf. 15,1-2). Porque é que Jesus se dava com essas pessoas?

Porque, na perspectiva de Lucas, Jesus é o amor de Deus que Se faz pessoa e que vem ao encontro dos homens – de todos os homens – para os libertar da sua miséria e para lhes apresentar essa realidade de vida nova que é o projeto do "Reino". A solicitude de Jesus para com os pecadores mostra-lhes que

Deus os ama, que Deus não os rejeita, que Deus os convida a fazer parte da sua família e a integrar a comunidade do "Reino". É que o projeto de salvação de Deus não é um condomínio fechado, com seguranças fardados para evitar a entrada de indesejáveis; mas é uma proposta universal, onde todos os homens e mulheres têm lugar, porque todos – maus e bons – são filhos queridos e amados do Pai/Deus. A lógica de Deus é sempre dominada pelo amor.

A "parábola da ovelha perdida" pretende, precisamente, dar conta desta realidade. A atitude desproporcionada de "deixar as noventa e nove ovelhas no deserto para ir ao encontro da que estava perdida" sublinha a imensa preocupação de Deus por cada homem que se afasta da comunidade da salvação e o "inqualificável" amor de Deus por todos os homens que necessitam de libertação. O "pôr a ovelha aos ombros" significa o cuidado e a solicitude de Deus, que trata com amor e com cuidados de Pai os filhos feridos e magoados; a alegria desmesurada do "pastor" significa a felicidade imensa de Deus sempre que o homem reentra no caminho da felicidade e da vida plena. Jesus anuncia, aqui, a salvação de Deus oferecida aos pecadores, não porque estes se tornaram dignos dela mediante as suas boas obras, mas porque o próprio Deus Se solidariza com os excluídos e marginalizados e lhes oferece a salvação. Encontramos aqui o cumprimento da profecia de Ezequiel que nos foi apresentada na primeira leitura: Deus vai assumir-Se (através de Jesus) como o Bom Pastor, que cuidará com amor de todas as ovelhas e, de forma especial, das desencaminhadas e perdidas.

A reflexão pode fazer-se a partir dos seguintes elementos:

- Antes de mais, o que está em causa na leitura que nos é proposta é a apresentação do imenso amor de Deus. Deus ama de forma desmesurada cada mulher e cada homem. É esta a primeira coisa que nos deve "tocar" ao celebrarmos o Coração de Jesus. Interiorizamos suficientemente esta certeza, deixamos que ela marque a nossa vida e condicione as nossas opções?
- O amor de Deus dirige-se, de forma especial, aos pequenos, aos marginalizados, aos necessitados de salvação. Os pobres e débeis que encontramos nas ruas das nossas cidades ou à porta das igrejas das nossas paróquias encontram nos "profetas do amor" a solicitude maternal e paternal de Deus? Apesar do imenso trabalho, do cansaço, do "stress", dos problemas que nos incomodam, somos capazes de "perder" tempo com os pequenos, de ter disponibilidade para acolher e escutar, de "gastar" um sorriso com esses excluídos, oprimidos, sofredores, que encontramos todos os dias e para os quais temos a responsabilidade de tornar real o amor de Deus?
- Tornar o amor de Deus uma realidade viva no mundo significa lutar objetivamente contra tudo o que gera ódio, injustiça, opressão, mentira, sofrimento... Inquieto-me, realmente, frente a tudo aquilo que desfeia o mundo? Pactuo (com o meu silêncio, indiferença, cumplicidade) com os sistemas que geram injustiça, ou esforço-me ativamente por destruir tudo o que é uma negação do amor de Deus?
- As nossas comunidades (cristãs e religiosas) são espaços de acolhimento e de hospitalidade, oásis do amor de Deus, não só para os amigos e confrades, mas também para os pobres, os marginalizados, os sofredores que buscam em nós um sinal de amor, de ternura e de esperança?

Sugestões de repertório para a Solenidade do Sagrado Coração de Jesus:

Abertura: Não sei se descobriste encantadora luz – link: <https://youtu.be/cR3DjeNUcUk>

Salmo responsorial: Vós sois meu pastor, ó Senhor (Liturgia XV, faixa 10)

Aclamação: Aleluia... Tomai sobre vós o meu jugo (Festas Litúrgicas I, 11)

Ofertório: Senhor, meu Deus, obrigado, Senhor (Liturgia XI, faixa 15)

Comunhão: Eu sou o pão (Cantos de Abertura e Comunhão, faixa 22)

Solenidade de Pedro e Paulo – 30/06/2019

Mártires e apóstolos do Evangelho

1. Silêncio... Refrão: Ó luz do Senhor que vem sobre a terra, inunda meu ser, permanece em nós...

2. Evangelho - Mateus 16,13-19

3. Texto para aprofundamento da leitura:

PEDRO E PAULO



Dos Sermões de Santo Agostinho, bispo

O martírio dos santos apóstolos Pedro e Paulo consagrou para nós este dia. Não falamos de mártires desconhecidos. Sua voz ressoa e se espalha em toda a terra, chega aos confins do mundo a sua palavra (Sl 18,5). Estes mártires viram o que pregaram, seguiram a justiça, proclamaram a verdade, morreram pela verdade.

São Pedro, o primeiro dos apóstolos, que amava Cristo ardentemente, mereceu escutar: Por isso eu te digo que tu és Pedro (Mt 16,19). Antes, ele havia dito: Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo (Mt 16,16). E Cristo retorquiu: Por isso eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra construirei minha Igreja (Mt 16,18). Sobre esta pedra construirei a fé que haverás de proclamar. Sobre a afirmação que fizeste: Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo, construirei a minha Igreja. Porque tu és Pedro. Pedro vem de pedra; não é pedra que vem de Pedro. Pedro vem de pedra, como cristão vem de Cristo.

Como sabeis, o Senhor Jesus, antes de sua paixão, escolheu alguns discípulos, aos quais deu o nome de apóstolos. Dentre estes, somente Pedro mereceu representar em toda parte a personalidade da Igreja inteira. Porque sozinho representava a Igreja inteira, mereceu ouvir estas palavras: Eu te darei as chaves do Reino dos Céus (Mt 16,19). Na verdade, quem recebeu estas chaves não foi um único homem, mas a Igreja una. Assim manifesta-se a superioridade de Pedro, que representava a universalidade e a unidade da Igreja, quando lhe foi dito: Eu te darei. A ele era atribuído pessoalmente o que a todos foi dado. Com efeito, para que saibais que a Igreja recebeu as chaves do Reino dos Céus, ouvi o que, em outra passagem, o Senhor diz a todos os seus apóstolos: Recebei o Espírito Santo. E em seguida: A quem perdoardes os pecados, eles serão perdoados; a quem os não perdoardes, eles lhes serão retidos (Jo 20,22-23).

No mesmo sentido, também depois da ressurreição, o Senhor entregou a Pedro a responsabilidade de apascentar suas ovelhas. Não que dentre os outros discípulos só ele merecesse pastorear as ovelhas do Senhor; mas quando Cristo fala a um só, quer, deste modo, insistir na unidade da Igreja. E dirigiu-se a Pedro, de preferência aos outros, porque, entre os apóstolos, Pedro é o primeiro.

Não fiques triste, ó apóstolo! Responde uma vez, responde uma segunda, responde uma terceira vez. Vença por três vezes a tua profissão de amor, já que por três vezes o temor venceu a tua presunção. Desliga por três vezes o que por três vezes ligaste. Desliga por amor o que ligaste por temor. E assim, o Senhor confiou suas ovelhas a Pedro, uma, duas e três vezes.

Num só dia celebramos o martírio dos dois apóstolos. Na realidade, os dois eram como um só. Embora tenham sido martirizados em dias diferentes, deram o mesmo testemunho. Pedro foi à frente; Paulo o seguiu. Celebramos o dia festivo consagrado para nós pelo sangue dos apóstolos. Amemos a fé, a vida, os trabalhos, os sofrimentos, os testemunhos e as pregações destes dois apóstolos.

Sugestões de repertório para a Solenidade de Pedro e Paulo:

Abertura: Canta, meu povo! (Festas litúrgicas 2, faixa 15)

Salmo responsorial: De todos os temores me livrou o Senhor Deus (Festas litúrgicas 2, faixa 16)

Aclamação: Aleluia... Tu és Pedro (Festas litúrgicas 2, faixa 17)

Apresentação das Oferendas: Quem nos separará (Festas litúrgicas 2, faixa 18)

Comunhão: Toda Igreja unida celebra (Festas litúrgicas 2, faixa 19)

CANTOS PARA CONCLUSÃO DA LEITURA ORANTE:

1. Quando o dia da paz renascer

1. Quando o dia da paz renascer
Quando o sol da esperança brilhar: Eu vou cantar!
Quando o povo nas ruas sorrir
E a roseira de novo florir: Eu vou cantar!
- Quando as cercas caírem no chão
Quando as mesas se encherem de pão: Eu vou sonhar!
Quando os muros que cercam os jardins
Destruídos então os jasmims vão perfumar!

**Vai ser tão bonito se ouvir a canção
Cantada, de novo.**

**No olhar da gente a certeza do irmão
Reinado, do povo.**

2. Quando as armas da destruição
Destruídas em cada nação: Eu vou sonhar
E o decreto que encerra a opressão
Assinado só no coração vai triunfar!
- Quando a voz da verdade se ouvir
E a mentira não mais existir será enfim

Tempo novo de eterna justiça
Sem mais ódio, sem sangue ou cobiça, vai ser assim!

2. Nós estamos aqui reunidos

**Nós estamos aqui reunidos
Como estavam em Jerusalém
Pois só quando vivemos unidos
É que o Espírito Santo nos vem**

1. Ninguém para esse vento passando
ninguém vê, e ele sopra onde quer
Força igual têm o Espírito quando
Faz a Igreja de Cristo crescer.

2. Feita de homens a Igreja é divina
Pois o Espírito Santo a conduz
Como um fogo que aquece e ilumina
Que é pureza, que é vida, que é luz

3. Quando o Espírito espalma suas graças
Faz dos povos um só coração
Cresce a Igreja onde todas as raças
Um só Deus, um só Pai louvarão

**A produção deste material teve a colaboração da CELEBRA
Rede de Animação Litúrgica - Núcleo Iguatu/CE**

